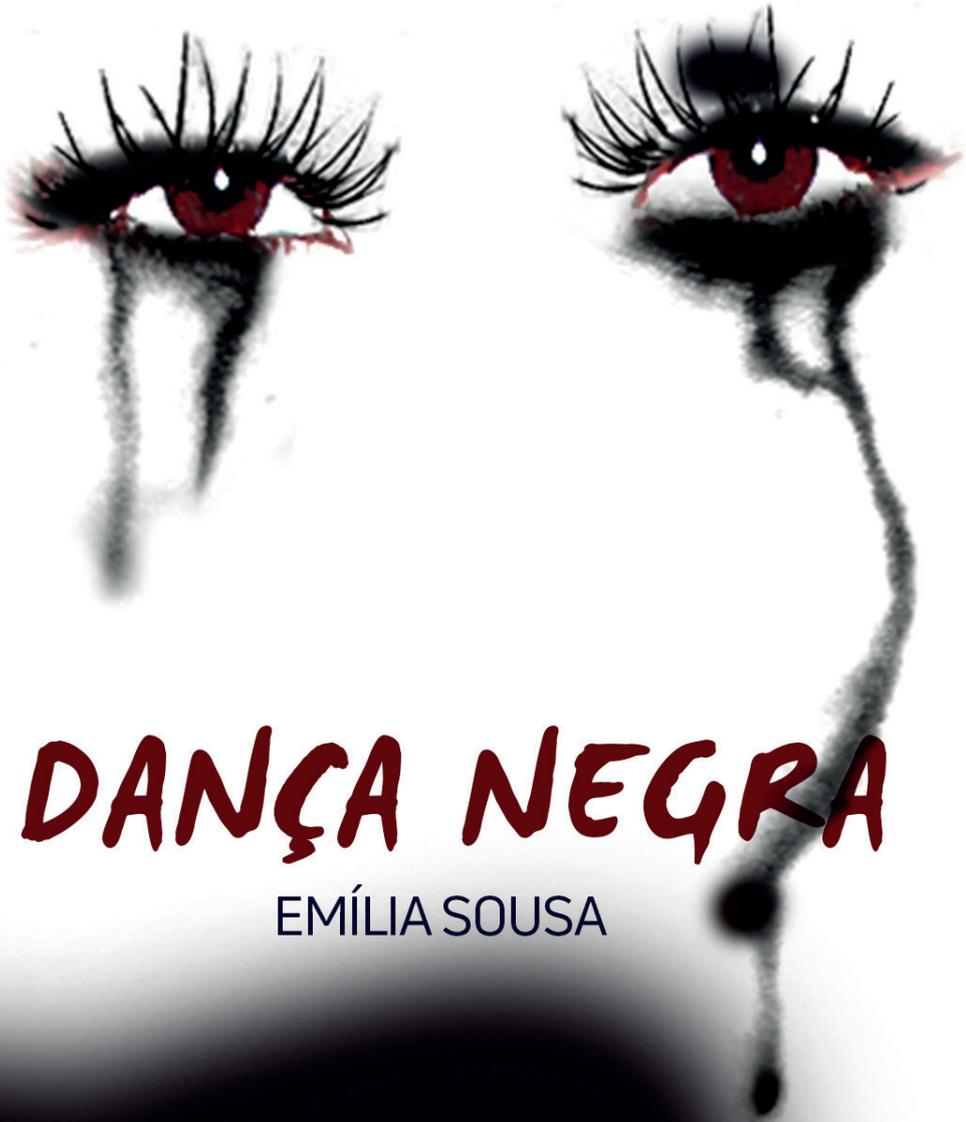


POESIA



# DANÇA NEGRA

EMÍLIA SOUSA

## *Dança Negra*

Num abraço vazio  
Bate com os pés na terra seca  
Ritmadamente como quem dança.

Dança negra  
Negra de luto.

Balançando num abraço vazio  
Canta chorando  
Num murmúrio dorido,  
Sentido  
Gritando alto  
Bem alto  
Por seu parente perdido.

“Ai meu irmão, meu irmão!  
Quem cuida de mim agora?”

“Ai meu filho, meu filho!  
Quem cuida de ti agora?”

E todos nós  
Os outros  
Balançando ao som  
Desta dança Negra  
Ritmada  
Gritando em silêncio  
Bem alto

“Ai meu amigo, meu amigo!  
Quem me ouve agora?  
“Ai meu amigo, meu amigo!  
Quem guarda agora os meus segredos?”

Ai,  
Quanta dor sentida  
Guardada  
Escondida  
Envolta em névoa de pó vermelho

Lágrimas derramadas sobre a campa tapada  
Enfeitada de flores ornadas de cor  
Tingidas de amor  
Saudade e dó.

## *Caminhando no Asfalto*

No asfalto quente  
Descalço  
Queimando-lhe o pé  
E muito mais a alma  
António caminhava na vida,  
Sem destino  
E sem queixume.

Aos seus filhos  
Filhos do asfalto  
Contava-lhes histórias de amor  
Histórias da vida  
Histórias do Mundo  
Do seu País.

Antonio nunca se queixou  
Por estar descalço  
No asfalto quente  
Queimando-lhe o pé  
E muito mais a alma.

Não podia  
Não tinha como.

Aos seus filhos  
Pelos seus filhos  
Filhos do asfalto  
Apenas lhes deu amor  
Ensinou-lhes o que é a vida  
Apenas e tudo isso.

Com o pé descalço  
No asfalto quente  
Queimando-lhe o pé

Queimando-lhe muito mais a alma.  
Antonio caminhou no asfalto quente  
Com seus filhos  
Sem destino  
E sem queixume.

Juntos descalços no asfalto  
Caminhando sobre a vida quente  
De sua vida  
De outras vidas,  
Aos seus filhos  
Apenas podia mostrar-lhes vida  
E nunca dor

Caminhando sobre o asfalto quente  
Descalço  
Queimando-lhe o pé  
E muito mais a alma,  
António foi um herói  
Que protegeu os seus  
Dos males que a quentura deste asfalto  
Faz a alma dum povo  
Descalço  
Num asfalto quente  
Queimando-lhes os pés  
Mas muito mais a alma.

## *Cores*

Tantas e quantas cores não contadas  
Cores que não traduzem vidas  
Vidas que não traduzem nada.  
Cores que não contam histórias  
Mudas  
Opacas para quem se recusa a ver.  
Cores  
Tantas e quantas cores desenhadas  
Nos muros caiados da vida.  
Cores que traduzem tudo  
Cores que traduzem nada.  
Onde querem  
No que mais querem  
No que os rodeia  
Nos pormenores dos seus dias  
Por onde passam  
Por o que vêem  
Por quem cruzam o seu olhar.  
Coloridas para quem as vive.  
Para a Mamã que suporta nos seus panos o bebé que chora  
Nas cores da bola chutada pelo pé descalço de uma criança  
Na bacia colorida da zungueira que canta  
No banco que sustenta a vovó sentada  
Pesada  
Que sorri  
Sim  
Sorri vendo sua neta nua que brinca na terra seca  
Seca de cor.  
Indiferente à dor

Tantas e quantas vidas  
Encontradas  
Nas mais belas cores  
Onde querem

No que mais querem  
Por onde passam  
Por o que vêem  
Por quem cruzam o seu olhar.

## *Dança, Princesinha*

Dança, princesinha  
Com teu vestido branco imaculado  
Menina pura sem idade  
Menina criança  
Cheia de sonhos e sem maldade

Dança, Princesinha  
Dança  
Com teu vestido azul rodado  
Menina ternura já moça  
Menina mulher  
Ansiosa de vida  
De amor e de vontade

Dança, Princesinha  
Dança  
Com teu vestido vermelho decotado  
De menina perdida já adulta  
Que já não busca sonhos  
Não busca nada

Dança, Princesinha  
Dança  
Com teu vestido negro apertado  
Menina esquecida  
Mulher madura  
Sentada no seu canto  
Com seu corpo pesado.  
Bate o pé ritmado sem descanso  
Cantando  
Cantando  
Dança, Princesinha  
Dança  
Dança com teu vestido rodado

## Silêncio

E dou comigo no meio de uma multidão em silêncio  
De pessoas sem nada para dizer  
Sem nada para acrescentar!

Olho-os  
Procurando réstia de sangue  
E nada...  
Até esse parece ter-lhes parado nas veias.

Todos em silêncio  
Todos sem acção.

No meio de todo aquele silêncio  
Um som provoca os meus sentidos!  
Um trautear de uma música  
Um assobio,  
Uma música no momento inventada  
Uma melodia dançante

Não o encontro!  
Não o procuro.  
Melhor assim...

Melhor ficar na ignorância de quem ainda assobia.  
No meio de uma multidão em silêncio.

Voa rouxinol, voa!  
Não te quero envenenar com o meu silêncio.  
Voa para bem longe daqui  
Voa para onde a liberdade de expressão ainda é lei!  
Voa por nós que já perdemos as nossas asas  
Voa!

## Veneno

Um veneno que me invade  
E me fascina  
Me ilude  
E atraiçoa.  
Uma morte lenta  
Vida lenta  
Uma morte certa  
Vida incerta  
Destino perdido  
Sempre perdido  
Destino de sonho iludido  
Sempre perdido  
Veneno que me leva  
Que me faz viajar  
Por pesadelos sem fim.

## Vento

Vi-te passar  
Com o cabelo ao vento  
E que vento  
Que te levantava o vestido verde a esvoaçar.

Tu,  
Mulher bonita  
Escondias teu pudor com destreza  
E elegância  
Do alto do teu sapato  
Sem oscilar  
Nem vacilar.

A cada piropo sorrias traiçoeiramente como o vento  
Como quem dá confiança  
Sem confiar.  
Sempre segura da tua beleza única  
Só tua  
Partilhando-a apenas  
Com quem cruza no teu passar.